

ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS DE TRATAMENTO DO ESPAÇO

Lucia Teixeira (UFF/CNPq)

Este trabalho apresenta uma análise do tratamento do espaço em narrativas de viagem, tomando como exemplificação o livro de Almeida Faria (Montemor-o-Novo 1943-), *O murmúrio do mundo*, em que o autor português narra sua viagem à Índia. A perspectiva teórica utilizada é a da semiótica discursiva, especialmente os trabalhos de Greimas (1975), Fiorin (1996), Barros (1995, 2010), Gomes (2010, 2012, 2014) e Zilberberg (2006, 2010).

Fiorin (1996) mostra que a organização espacial se faz linguisticamente, pela instalação do espaço dos actantes da enunciação em relação aos do enunciado, e topicamente, por meio da projeção de um ponto de referência a partir do qual se cria uma espacialidade estática e outra cinética, correspondentes às noções de posição e direção.

O fundamento da localização linguística é um aqui que constitui o “centro gerador e axial” do discurso e funciona como fator de intersubjetividade. Marcadores como os advérbios e os demonstrativos organizam a dimensão linguística da espacialização nos enunciados. O espaço tópico é de ordem aspectual e “funciona como especificador do espaço linguístico propriamente dito”. A partir dessa distinção, pretendo tratar dos desdobramentos sintáticos e semânticos responsáveis pela criação de uma ambientação em narrativas de viagem. Considerando o percurso de um sujeito em deslocamento, a análise examinará a instalação de um ponto de vista na narrativa, por meio do qual os esquemas espaciais, que partem da oposição entre continuidade e descontinuidade, permitem observar o sujeito em torno de suas paradas, continuações, hesitações e dispersões, caracterizando uma narrativa de movimento num espaço físico e, ao mesmo tempo, de oscilação entre a exterioridade da viagem e o interior de si mesmo, numa dimensão afetiva. A práxis enunciativa da literatura de viagens institui uma geografia dos afetos, dotada de ritmo particular e arquitetada por estratégias que permitem o tratamento do espaço em suas relações com o tempo e os atores envolvidos.

Considerar o movimento no espaço implica em tratar das discontinuidades de um percurso, em seus aspectos incoativo (partida), durativo (transcurso) e terminativo (chegada). Os mais e os menos da duração, da saída ou da chegada constituirão uma escala gradativa que é ela mesma a formalização do componente aspectual do espaço. Uma narrativa de viagem pode alongar-se nos preparativos e nas divagações do narrador sobre a viagem que ainda não começou. Um guia turístico, em contraposição, leva o leitor ao ponto desejado, com informações objetivas e pontuais. Num blog de turismo, por exemplo, é a seguinte a orientação a respeito da chegada no aeroporto de Mumbai (ou Bombaim):

CÂMBIO E TÁXI NO AEROPORTO DE MUMBAI

Depois de pegarmos nossas bagagens fizemos um câmbio com a taxa de 1 dólar para 52 rúpias. A moeda indiana é bem fraca, e trocando 200 dólares recebemos 9.958 rúpias. *Logo após* o câmbio havia um guichê de táxi e perguntamos o preço. Para nossa surpresa nos informaram que com ar seria 600 rúpias (12 reais) e sem ar 400 rúpias (8 reais). (...) Diante de um preço tão camarada fomos do saguão do aeroporto para o estacionamento seguindo o motorista que havia nos oferecido. (...) Em relação ao táxi a dica é usar o serviço dos táxis autorizados. No nosso caso optamos por acertar o táxi ainda dentro do aeroporto e pagamos o valor antecipado, no guichê da empresa de táxi e recebemos um recibo disso. Acredito que essa seja a forma mais segura na chegada inicial.

Disponível em: <http://fazendoasmalas.com/passeiopeloorienterelatos/a-chegada-na-india-o-choque-inicial-e-o-trajeto-do-brasil-ate-mumbai/645/>

O movimento de chegada é narrado temporalmente, por meio dos marcadores *depois* e *logo após*, e o percurso se institui espacialmente por meio de três pontos de parada figurativos no aeroporto: a esteira de bagagens, a casa de câmbio e o guichê de táxi. Em seguida, há o deslocamento até o estacionamento, marcado por preposições que indicam a direção: “fomos *do* saguão do aeroporto *para* o estacionamento seguindo o motorista”, em que verbos como *ir* e *seguir* expressam semanticamente um movimento prospectivo, para a frente, um sentido sem dispersão, obstinadamente direto. Tudo é previsível e as informações práticas levam o viajante diretamente do avião ao transporte em terra, com paradas rápidas e imediata continuação do percurso, por meio de procedimentos sintáticos, como períodos curtos e uso de marcadores que instituem uma sequência de ações, e semânticos, como a escolha de especificadores tópicos e verbos de movimento, que aceleram a narrativa. Há um espaço englobante, anunciado

já no título, o aeroporto, e espaços englobados, percorridos em sequência, na direção de um objetivo final, o de sair do aeroporto. A narrativa em 1ª pessoa serve apenas como demonstração e testemunho, como palavra verdadeira e confiável, e comentários sobre preços e condições de pagamento acentuam o pragmatismo da informação. Landowski (2002) diria que a passagem ilustra o “passageiro programado”, o “turista”, caracterizado pela “ausência do lugar” e por uma relação de disjunção com ele. O turista de Landowski “aonde quer que chegue, chega sempre a um espaço sinalizado, setorizado, constelado de pontos de atração predefinidos” (LANDOWSKI, 2002, p.72). O mundo é ordenado, categorizado e sem desvios. As discontinuidades espaciais e temporais da chegada ao aeroporto de Mumbai poderiam ser as mesmas em qualquer aeroporto do mundo.

Já o viajante que escreve narrativas de viagem apresenta maior complexidade e espessura, outra disposição afetiva e estilo de narrar feito de esperas, demoras e digressões. Ele é o contrário do turista, é o “viajante disponível”, seu regime de presença é o de estar no lugar, com o qual pretende uma conjunção. Ele se perde em detalhes, acentua as relações sensoriais com o ambiente e se perde do fio linear da narrativa.

Fernando Cristóvão (2012), importante referência no estudo do gênero, considera que a literatura de viagens teve seu auge entre fins do século XV e meados do XIX, em que o conhecimento de terras distantes somente era possível pela palavra que narrava a aventura, em geral marcada pelo deslumbramento diante do desconhecido. O novo era verdadeiramente novo, imprevisível, e os cronistas testemunhavam seu maravilhamento diante da novidade.

Talvez possamos pensar, hoje, que a literatura de viagens moderna e contemporânea redescobre o deslumbramento por meio da palavra poética. A Índia, particularmente, vem merecendo, em língua portuguesa, obras como as crônicas da brasileira Cecília Meireles (1998, 1999) e o livro do português Almeida Farias, que se voltam para uma narrativa memorialística, plena de preenchimentos poéticos das lembranças e dos esquecimentos, e de imersão discursiva nas cenas da viagem.

A narrativa de Almeida Faria se divide em 4 capítulos, “Partida”, “Goa”, “Cochim” e “Regresso”. O primeiro e o último relatam o ponto inicial e o final

da viagem, dotada, portanto, linguisticamente, de aspectualidade incoativa e terminativa, e os dois capítulos intermediários ocupam-se da duração da viagem, preenchida pela visita do narrador a duas cidades de colonização portuguesa.

O recurso visual da intercalação de trechos em itálico extraídos de crônicas de viagem antigas, compilações de aventuras, passagens filosóficas e literárias, na narração da viagem em curso, instaura descontinuidades discursivas que permitirão ao narrador apossar-se das memórias e experiências antigas e estabelecer comparações, digressões e retornos. Os trechos de citação não são identificados com autoria, mas, retomados no texto do narrador, também em itálico, marcam presença e produzem sentido. A desidentificação se recompõe em parte, no recurso metalinguístico empreendido pelo autor que, no final do livro, lista os 37 autores citados. Lá estão Camões, Gil Vicente, Antero de Quental, Cecília Meireles, os cronistas, historiadores e notários do século XVI. Estão Borges e Schelling, Nietzsche e Hegel. Ao longo da narrativa, predominam trechos dos portugueses dos anos 1500, nas várias crônicas de viagem e documentos produzidos na época em que a presença de Portugal na Índia registrava seu domínio econômico e político sobre a região. A diluição da autoria dos trechos com os quais o narrador estabelece intertextualidade retoma, de certa forma, a “dissolução” do narrador, que tanto diz respeito à assimilação da alteridade como procedimento constitutivo do discurso quanto à imersão multissensorial do narrador nos territórios visitados.

No belo prefácio a *O murmúrio do mundo*, Eduardo Lourenço já aponta para o caráter duplo da narrativa, ao mostrar, por exemplo, o diálogo entre dois tempos, que resulta num “texto de original poética interseccionista”. Se os recursos visuais da fonte em itálico e o espaçamento entre a citação e o texto de Almeida Faria separam as narrativas, e a própria seleção dos trechos citados reforça um procedimento de triagem, a construção da narrativa, que incorpora palavras e construções citadas no corpo do texto e responde aos comentários dos cronistas, mistura tudo num turbilhão narrativo que faz o leitor imergir em “contrastos que têm a espessura de séculos”, nas palavras de Lourenço.

Vejamos um exemplo:

Despachadas as cousas todas, o Governador se embarcou e se fez à vela meado março, indo ele embarcado na nau São Thomé. Em a qual frota, além de gente ordenada para a navegação das naus, iriam até mil e quinhentos homens de armas, todos gente limpa, em que entravam muitos fidalgos e moradores da casa de el-rei, os quais iam ordenados para ficar na Índia, e por regimento que el-rei então fez eram obrigados a servir lá três anos contínuos.

Despachada a bagagem dita de porão, *embarcámos* aos trinta dias de novembro num avião sem nome de santo mas dotado do dom de trespassar os céus a altas velocidades. Além da tripulação e dos outros passageiros, éramos cerca de três dezenas de *gente limpa* em que entravam alguns antigos e atuais moradores da casa da governação do Estado, e não nos esperavam meses e meses sem fim no mar até a Índia, nem lá ficaríamos *três anos contínuos*.

Índia: o que nos traz esta palavra? Mahatma Gandhi, Ganges, Gama, Goa, Buda, guru, *Vedas*, Ayurveda, karma, *Kama Sutra*, Mahabharata, encantadores de cobras, faquires, elefantes, tigres de bengala(...), Bombaim, Benares ...

A Bombaim contávamos chegar na noite seguinte. (...)

(ALMEIDA FARIA, 2013, p.19-20.)

O parágrafo de citação e o primeiro da narrativa de Faria mantêm-se em paralelismo. Há, na narrativa principal, uma estilização da linguagem clássica, uma retomada de termos, assinalados em itálico, e, ao mesmo tempo, uma estratégia discursiva de negar, de rebater o discurso do cronista, por meio de procedimentos concessivos. Os elementos de tempo, espaço e atores estão indicados, numa apresentação da viagem à moda das crônicas seiscentistas. Visualmente há também identidade entre os parágrafos, sem entrada na linha da página.

O segundo parágrafo, marcado pela entrada tradicional em branco na linha, chama o leitor ao universo da viagem, por meio da interrogação e do pronome de 1ª pessoa do plural, e é constituído da enumeração de nomes de pessoas, coisas e lugares associados, pelo senso comum, à cultura indiana. No terceiro parágrafo, o marco espacial a partir do qual se desenvolverá o capítulo é apresentado numa projeção de futuro dentro do passado. A partir daí, o narrador generaliza considerações sobre a chegada a um lugar estranho e relembra sua chegada a Veneza, descrevendo seus sentimentos e inquietações.

Na sequência, ele dirá:

Não senti isto na madrugada deste outro novembro ao sair do avião em Bombaim, aliás Mumbai, cidade babilónica cuja insónia produz coisas espantosas, misturando o mais arcaico da humanidade com o presente mais caótico, num caldo em que se confunde e explode tudo o que é antagónico. (ALMEIDA FARIA, 2013, p.21.)

Mais uma vez, o narrador institui a negação como modo de retomar experiências, ainda que delas se servindo para avançar. Os procedimentos sintáticos instituem uma forma de expressão que encontrará correspondência na experiência da viagem, feita de recuos e avanços, paradas, hesitações, digressões e nova continuidade. Também no plano semântico, anunciam-se aqui, na primeira parada em Bombaim, os elementos de mistura (“misturando”, “caótico”, “caldo”, “confunde”) e espanto (“explodem”) que darão consistência semântica à viagem. O espaço vai se preenchendo de memórias, de tempos e de atores. Inflado de elementos, ele não suporta a sequencialidade dos gestos, o movimento prospectivo, a linearidade. Para Fiorin (1996), “extensão e concentração”, termos da relação de englobamento, fazem aparecer a ocupação. Os marcadores espaciais no discurso se alargam, “aqui” pode significar muitos pontos no mapa.

Salman Rushdie, nascido em Mumbai no ano da independência da Índia, chama-lhe filha mestiça de um casamento luso-britânico: aqui a Índia encontrou o que não era Índia, aquilo que veio vindo por cima das águas sombrias do mar. Quando Camões aqui desembarcou, vir à Índia exigia (nas suas palavras) uma travessia *longa e áspera*. Hoje, viajar até tão longe apenas exige uns insignificantes sacrifícios. (ALMEIDA FARIA, 2013, p.21)

No fragmento, “aqui” ora é Mumbai, de onde fala o narrador, ora é a Índia em seu espectro mais geral (sabe-se que Camões chegou à Índia na cidade de Goa, portanto o aqui é geral na passagem). Pode ser também o aqui imediato da esteira de bagagens ou do portão de saída. E pode ser um aqui associado ao lugar “tão longe” do ponto de partida.

O narrador imerge no ambiente do aeroporto de Bombaim e se abre aos apelos, às sensações.

Esta povoação de Mombaim é cousa pequena, espalhada. Tem onze portugueses casados, o que, com os naturais pretos, vem a fazer setenta espingardeiros.

A rebatizada Mumbai, com mais habitantes que Portugal inteiro, é hoje *cousa* gigantesca e capital do estado de Maharashtra. O aeroporto internacional cheirava a mofo apesar do ar condicionado, um bafio que a memória me trouxe misturado com imagens de outros aeroportos (...) Mas aquelas distantes descidas em terras tropicais eram uma visão arcádica quando comparada com a multidão sonâmbula que cercava o carrossel das bagagens às duas da madrugada em Mumbai (...). Fora, no calor compacto, odores fortes a gases de automóveis, a sujidade, a suor.
ALMEIDA FARIA, 2013, p.27-28.

Essa imersão no interior do aeroporto ativa tanto o estado contemplativo que observa e percebe o mofo, a multidão sonâmbula, o carrossel das bagagens, os funcionários alfandegários de fardas – aquilo que está próximo do ator, em torno dele, englobando-o – quanto a memória das experiências anteriores, trazida como “bafio”, que reitera o mofo, o desconforto, a umidade – o que está distante, a experiência acumulada que advém pela reiteração de um elemento sensorial. O movimento é de dispersão – a percepção de muitos elementos do entorno, a fuga para outros lugares, pela memória. Ao mesmo tempo, algo fixa o narrador no lugar, algo o traz para dentro da cena: o aspecto sensorial de sua relação com o espaço. Sobretudo pelo olfato e pela visão, envolvidos pelo burburinho multilíngue, o espaço ganha sentido.

O percurso temático do “bafio”, que começa com o cheiro de mofo e sai do aeroporto junto com o narrador, sob a forma dos “odores fortes”, acentua-se com uma metáfora espacial, a do “calor compacto”. A ideia de concentração se forma por esse acúmulo de traços figurativos, condensado no lexema “compacto” – aquilo que é denso, maciço, que ocupa pouco espaço. O personagem se move, deve ir adiante, deve sair do aeroporto, chegar ao hotel, mas o percurso é complexo, feito de retenções e paradas. O procedimento sintático também é de acúmulo e expansão. Vejamos:

Fora, no calor compacto, odores fortes a gases de automóveis, a sujeidade, a suor. E crianças-rapazes pedindo. Tinham-me aconselhado a nunca dar esmola porque os pedintes não nos largam. O olhar indefeso, a insistência e a idade deles despertaram em mim a tortura da compaixão, a obscura vocação para a culpa, e distribuí ao acaso as rupias acabadas de trocar. (ALMEIDA FARIA, 2013, p.28)

As orações se alongam, se tornam mais complexas. Das elipses na primeira oração, às subordinadas no segundo período e à sucessão de sintagmas que formam sujeito e objeto na oração seguinte, o procedimento é de expansão, como se a sintaxe perseguisse a experiência. Ora, que efeito isso tem sobre o enunciatário, o leitor dessa narrativa? Também ele, leitor, se move devagar, lendo em cada sentença enunciada a experiência que passa a compartilhar com o personagem.

Se há um movimento de dispersão, pela observação do ambiente e a sintaxe enumerativa que distribui na linearidade das sentenças o acúmulo de

impressões sensoriais, há um outro de concentração, pelos núcleos figurativos que retêm narrador e narratário na densidade do calor, da umidade, do barulho e do mau cheiro.

O movimento do ator em direção ao exterior do aeroporto é aspectualizado pela desaceleração, reforçada pelas retenções semânticas que preenchem de sentido o interior do personagem, levando-o a acionar a memória cumulativa de sensações e ambientes. A distância entre saguão e saída se amplia. Nos termos de Fiorin (1996), a expansão leva ao afastamento – o narrador expande a descrição e se afasta da saída –; a condensação, à aproximação – o narrador condensa em três ou quatro lexemas as sensações que criam a continuidade entre o dentro e o fora, aproximando-os. Na porta de saída, o “calor compacto” que recebe o narrador cria a continuidade com a sensação angustiante do preenchimento sensorial já experimentado no interior.

O mesmo vai acontecer no deslocamento do aeroporto para o hotel, o narrador se detém na observação dos táxis, das pessoas, dos sons, alonga a narrativa, expande a sintaxe. Rupturas temporais, novas figuras, estabelecimento de limites espaciais (a janela do carro, o vidro que se fecha) vão dando a forma de um percurso a esse deslocamento. Há um ponto de chegada a atingir, o hotel, mas o percurso é povoado de carros e pessoas, que aparecem na narrativa pelos mesmos recursos de expansão sintática e condensação semântica, que operam a relação entre difusão e concentração.

A acumulação de elementos desintegra o tempo lógico, na indistinção de passado e presente, e a concentração de atores dá vida e alma à cidade.

O espaço se dilui, se desintegra no bafio, no murmúrio, no mofo, na multidão. Somente a palavra pode restabelecer alguma ordem e inteligibilidade para o que se percebe como sensação e mistura. Em Almeida Faria, o único lugar tangível é o da palavra poética – e apenas a literatura pode recompor o mundo desordenado dos aglomerados, pode transformar murmúrio em frase articulada, pode acolher e desejar o bafio e o mofo, que passam novamente a existir, fora da experiência e, ao mesmo tempo, como único modo possível de tocá-la. Esta é a força da literatura de viagens, que, como toda literatura, vai além da viagem, além do narrado, além, muito além de toda experiência vivida.

Referências:

- ALMEIDA FARIA. *O murmúrio do mundo*. Rio de Janeiro: Tinta-da-China, 2013.
- BARROS, D. L. P. de. Procedimentos de Construção do Texto Falado: Aspectualização. *Língua e Literatura (USP)*, v. 21, p. 67-76, 1995.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Os sentidos da gestualidade: transposição e representação gestual. In: *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, vol.8, n.2, dez 2010. p.5-25. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/viewFile/3318/3044>
- BASTIDE, Françoise. Aspectualisation. In: GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. D. *Sémiotique: Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Tome 2. Paris: Hachette, 1986. p.19-20.
- CRISTÓVÃO, Fernando (Dir. e Coord.). *Literatura de viagens: da tradicional à nova e à novíssima (marcas e temas)*. Lisboa: Universidade de Lisboa; Coimbra: Almedina, 2010.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- FONTANILLE, Jacques (Direction). NAS: *Le discours aspectualisé*. Actes du Colloque "Linguistique et Sémiotique I. Préface de A.J. Greimas et J. Fontanille. Limoges; Amsterdam; Philadelphia. PULIM; Benjamins, 1991.
- GOMES, Regina Souza. Uma abordagem semiótica da modalização. *Estudos Linguísticos* (Lisboa), v. 5, p. 195-212, 2010.
- GOMES, Regina Souza. Aspectualização e modalização no jornal: expectativa e acontecimento. *Estudos Semióticos (USP)*, v. 8, p. 11-20, 2012.
- GOMES, Regina Souza (Org.). *Aspectualização pela análise de textos*. Rio de Janeiro, 2014. E-book.
- GREIMAS, A.J. Condições para uma semiótica do mundo natural. In : GREIMAS, A.J. *Sobre o sentido : ensaios semióticos*. Petrópolis : Vozes, 1975. p.46-85.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociossemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- ZILBERBERG, Claude. Síntese da gramática tensiva. In: *Significação: Revista Brasileira de Semiótica*, n.25, junho de 2006a. São Paulo: Annablume, pp. 163-204.
- ZILBERBERG, Claude. Observações sobre a base tensiva do ritmo, in: *Estudos semióticos*, vol.6,n.2. Trad. Lucia Teixeira e Ivã Lopes. São Paulo: Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral, 2010.